

RESENHA

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Tradução de Hélder Godinho. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

Cídio Lopes de Almeida

[sem revisão por pares]

A obra, "As Estruturas Antropológicas Do Imaginário" de Gilbert Durand, discute a arqueotipologia geral e a natureza do simbolismo humano. Durand explora dois regimes principais de imaginação: o Regime Diurno e o Regime Noturno, explicando suas características e as constelações de símbolos associadas a cada um, como a verticalidade e o movimento no primeiro, e a intimidade e a circularidade no segundo. A obra examina a relação entre a psicologia (incluindo conceitos de Freud e Jung) e a cultura, defendendo uma abordagem metodológica baseada na reflexologia para classificar os arquétipos e entender como os gestos dominantes se traduzem em manifestações culturais. O autor enfatiza que esses regimes simbólicos não são patológicos, mas sim estruturas fundamentais da psique humana que se manifestam em mitos, lendas, artes e até na linguagem.

Palavras-chave: Imaginário, Método de Convergência, Regimes do Imaginário, Arquétipos, Esquemas e Estruturas.

Anotações

As Estruturas Antropológicas do Imaginário: Introdução à Arquetipologia Geral é uma obra fundamental do professor emérito de antropologia cultural e sociologia na Universidade de Grenoble, Gilbert Durand, que nasceu em 1921. O livro, originalmente publicado em francês como *Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire* em 1992, é a tese fundamental de Durand e tornou-se um clássico no estudo do Imaginário. A tradução para o português foi realizada por Hélder Godinho e a presente edição é a quarta, de 2012.

O Conceito Central do Imaginário Durand argumenta que o Imaginário, longe de ser a louca da casa ou um epifenômeno desvalorizado pela psicologia clássica, é, pelo contrário, a norma fundamental do ser humano. Ele cita André Breton, para quem o Imaginário é a justiça suprema. A obra contrapõe-se a visões que o reduzem a um conhecimento primitivo ou desenganado, criticando particularmente Jean-Paul Sartre por desvalorizar a imaginação e a imagem em seus trabalhos. Para Durand, a imagem

simbólica é semântica e não pode ser reduzida a um signo empobrecido ou a uma busca estéril de sentido do não-sentido.

Enquanto metodologia, em tela temos a proposta do trajeto antropológico. A investigação de Durand baseia-se no trajeto antropológico, uma ideia que sugere que o símbolo é um produto dos imperativos biopsíquicos pelas intimações do meio. Essa teoria, implicitamente contida em obras de Gaston Bachelard e Roger Bastide, propõe que os eixos das intenções fundamentais da imaginação são os trajetos dos gestos principais do animal humano em direção ao seu meio natural, prolongados pelas instituições primitivas. Durand emprega um método de convergência [desvendar a coerência profunda do Imaginário humano, mostrando como diferentes manifestações (psicológicas, culturais, religiosas, artísticas) convergem para núcleos simbólicos e arquetípicos universais, revelando que as imagens não são meros signos, mas portadoras de um sentido intrínseco e dinâmico], buscando o princípio de sua classificação na reflexologia de Betcherev [conexões entre gestos corporais mais básicos às constelações simbólicas e culturais complexas], que estuda os "gestos dominantes" e os conjuntos sensorio-motores mais primitivos no recém-nascido, como reflexos posturais, de nutrição e copulativos. Ele enfatiza que o reflexo dominante não é um princípio de explicação causal, mas um elemento de confirmação e conexão com trabalhos da Escola de Leningrado. A pesquisa de Durand também se inspira em Leroi-Gourhan, reconhecendo que o documento escapa muitas vezes à história, mas não à classificação.

Os Regimes do Imaginário são partes estruturantes da obra. A obra organiza as constelações simbólicas em dois grandes regimes, que não são rígidos, mas agrupamentos de formas transformáveis que servem como protocolos motivadores.

O Regime Diurno da Imagem. Caracteriza-se pela separação, dicotomia e transcendência, sendo essencialmente polêmico. Está polarizado pelos esquemas diarético e ascensional, e pelo arquétipo da luz. Símbolos associados incluem o cetro, o gládio, a luz (brancura, ouro visual) e a altura (montanha, voo, cume). O superego é associado ao "olho do Pai" e a figuras de autoridade. Este regime valoriza a limpeza, a purificação (ex.: ablação de pelos, circuncisão, tonsura dos monges), a distinção da animalidade e a vitória sobre o mal. Fenômenos negativos incluem a agitação, o caos, a fuga, a morte devoradora (boca do inferno), a escuridão, a cegueira (Sinagoga cega, Édipo), e figuras como a aranha e o verme, associados à decadência e à misoginia. Durand observa a correspondência deste regime com o pensamento ocidental, estruturando filosofias como as de Platão e Descartes com seu dualismo e método de clareza. As

estruturas esquizomórficas são características deste regime, manifestando-se como "perda do contato com a realidade", "déficit pragmático", "autismo" e fragmentação (coisas "cortadas, partidas, separadas").

O regime noturno da imagem convida a uma inversão e transmutação direta dos valores do Regime Diurno. É caracterizado pela descida, intimidade e profundidade, sendo sintético e cíclico. Símbolos incluem a taça, a caverna, o corpo, o engolimento (complexo de Jonas), o ventre materno, o túmulo, a casa como morada, o tesouro escondido, o leite e o mel. A feminilidade e a figura da Mãe (Terra, Água) são reabilitadas, associadas a cores vibrantes e à noite. A miniaturização e o redobramento (engolidor engolido, espelho, anões, polegarzinho) são esquemas centrais. O ouro, neste regime, não é o brilho, mas a substância (excremento precioso). Este regime está ligado às estruturas místicas e a tipos caracteriais ixotímicos e ixoides (epileptóides), marcados pela perseverança, viscosidade, minúcia e atenção ao detalhe, e à "cosmização" do detalhe. A literatura romântica e surrealista expressa a revalorização dos valores noturnos e a busca da fusão dos contrários. O sacrifício, a iniciação e o retorno ao caos são temas recorrentes.

Ainda no regime noturno, o tema do *mito e do semantismo*, mostra-se na lente de Durand sob a crítica a Lévi-Strauss por reduzir o mito a uma linguagem formalista e por negligenciar o semantismo intrínseco dos símbolos e arquétipos. Para Durand, o mito não se traduz em lógica, e a repetição e o redobramento que o caracterizam não são apenas formais, mas revelam a estrutura do Imaginário Noturno, funcionando como um "remédio contra o tempo e a morte".

A Função Fantástica e o Eufemismo serão o último repertório temática da obra. Para o autor a compreensão da função fantástica como um poder de melhoria do mundo e um antidestino. A imaginação é uma atividade criadora que transforma o mundo da morte e das coisas no da vida e da esperança. A retórica é vista como um meio de expressão desse poder metafórico, transpondo o sentido e revelando que o sentido figurado precede o "sentido próprio". A universalidade dos arquétipos e a *atipicalidade* do Imaginário é uma tese suscitada e estabelecida, refutando que a história ou a psicologia individual sejam as únicas motivadoras. A história, para Durand, pertence ao domínio do imaginário e é capturada por ele.

A obra poderá ser vista como uma exploração do papel vital e criativo da imaginação humana, indo além de visões meramente racionais ou psicológicas, para revelar como os símbolos e mitos são a base da experiência humana e da esperança contra a mortalidade.